

A COMUNICAÇÃO INTERPROFISSIONAL COMO FERRAMENTA DE QUALIDADE NO CUIDADO EM SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Gabriel Vinícius Reis de Queiroz¹, Soly Guedes Barbosa², Janaina Ribeiro de Lima³, Eunice Lara dos Santos Cunha⁴, Jânio de Jesus Gonçalves Júnior⁵, Emilie Carine Siqueira Leite Vitório⁶, Jéssica Nayara Gondim dos Santos⁷, Tatiane Bahia do Vale Silva⁸.



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p2363-2377>

Artigo recebido em 4 de Janeiro e publicado em 4 de Março de 2026

REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

RESUMO

A interação entre profissionais de diferentes áreas é um aspecto fundamental para aprimorar o atendimento em saúde, especialmente na Atenção Primária à Saúde, pois promove a colaboração, assegura a segurança dos pacientes e garante uma assistência integral. Este trabalho teve como finalidade examinar as evidências disponíveis na literatura científica sobre a interação interprofissional como uma ferramenta que melhora a qualidade do cuidado em saúde, por meio de uma revisão integrativa. Foram considerados nove artigos publicados entre 2021 e 2025, selecionados a partir de bases de dados nacionais e internacionais, cujos resultados foram analisados tematicamente. Os achados mostram que a comunicação é vista como uma habilidade essencial no funcionamento das equipes, contribuindo para a coordenação do atendimento, fortalecimento das relações entre profissionais e usuários, e promoção da interprofissionalidade. No entanto, fatores como carga excessiva de trabalho, alta rotatividade de profissionais, hierarquia nas relações e falta de espaços formais para diálogo surgem como obstáculos para sua efetividade. Além disso, habilidades interpessoais, como empatia e gestão emocional, combinadas com a capacitação interprofissional e a criação de protocolos de comunicação, podem incentivar práticas mais seguras e voltadas às necessidades dos usuários. Conclui-se que a comunicação interprofissional deve ser vista como um fator organizacional crucial para a qualidade do atendimento, necessitando de investimentos institucionais para reestruturar o processo de trabalho e estabelecer espaços adequados de diálogo entre os profissionais e a população atendida.

Palavras-chave: Comunicação em saúde; Relações interprofissionais;

Qualidade da assistência à saúde.

ABSTRACT

Interaction among professionals from different fields is a fundamental aspect of improving healthcare delivery, particularly within Primary Health Care, as it promotes collaboration, ensures patient safety, and supports comprehensive care. This study aimed to examine the evidence available in the scientific literature regarding interprofessional interaction as a tool for enhancing the quality of healthcare through an integrative review. Nine articles published between 2021 and 2025 were included, selected from national and international databases, and their findings were analyzed thematically. The results indicate that communication is regarded as an essential competency in team functioning, contributing to care coordination, strengthening relationships between professionals and users, and promoting interprofessional collaboration. However, factors such as excessive workload, high professional turnover, hierarchical structures, and the lack of formal spaces for dialogue emerged as barriers to its effectiveness. Furthermore, interpersonal skills such as empathy and emotional management, combined with interprofessional training and the development of structured communication protocols, may foster safer and more user-centered practices. It is concluded that interprofessional communication should be understood as a crucial organizational determinant of healthcare quality, requiring institutional investment to restructure work processes and establish adequate spaces for dialogue among professionals and with the assisted population.

Keywords: Health communication; Interprofessional relations; Quality of health care.

Instituição afiliada

¹Doutorando em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – FSP/USP.

²Fisioterapeuta. Mestra em Cirurgia e Pesquisa Experimental pela Universidade do Estado do Pará – UEPA.

³Fisioterapeuta. Especialista em Traumatologia e Ortopedia pela Universidade Pitágoras Anhanguera.

⁴Biomédica. Mestra em Cirurgia e Pesquisa Experimental pela Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁵Médico. Mestrando em Oncologia e Ciências Médicas pela Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁶Fisioterapeuta pelo Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

⁷Fisioterapeuta pela Universidade da Amazônia – UNAMA.

⁸Diretora de Desenvolvimento à Pesquisa da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

Autor correspondente: *Gabriel Vinícius Reis de Queiroz*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



1 INTRODUÇÃO

A comunicação interprofissional de diferentes áreas tem sido cada vez mais reconhecida como um dos fundamentos essenciais para garantir a qualidade do atendimento e a segurança dos pacientes nos sistemas de saúde atuais. Em um ambiente caracterizado por uma complexidade tecnológica em aumento, uma grande variedade de especialidades e uma maior fragmentação dos serviços, a interação entre profissionais de diferentes setores se torna vital para garantir a continuidade, a integralidade e a eficácia no cuidado (REEVES et al., 2017). Nesse contexto, entidades internacionais e referências teóricas estabelecidas passaram a enfatizar a importância da comunicação como um elemento estratégico para minimizar a ocorrência de eventos adversos e promover uma cultura de segurança.

Um momento crucial para a afirmação dessa pauta ocorreu com a divulgação do relatório "To Err is Human" pelo Institute of Medicine em 1999. Este documento trouxe à luz a dimensão dos eventos adversos evitáveis nos hospitais americanos, com estimativas apontando que entre 44 mil e 98 mil óbitos anuais estavam relacionados a erros na prestação de cuidados que poderiam ser prevenidos (KOHN; CORRIGAN; DONALDSON, 2000). Dentre os problemas sistêmicos apontados, destacaram-se lacunas organizacionais e falhas na comunicação entre os profissionais de saúde, evidenciando a urgência de reformas estruturais nos processos de trabalho.

Na década seguinte, a Organização Mundial da Saúde firmou a segurança do paciente como uma prioridade a nível mundial, admitindo que falhas na comunicação são uma das principais causas de incidentes nos cuidados de saúde (OMS, 2009). Dados de vários países mostram que questões de comunicação estão relacionadas com a maioria dos eventos adversos reportados, principalmente em hospitais de alta complexidade, onde decisões clínicas precisam ser tomadas de maneira rápida e colaborativa (LEAPE et al., 2009; O'DANIEL; ROSENSTEIN, 2008).

A literatura atual enriquece essa visão ao revelar que a interação entre diferentes profissionais vai além da simples troca de dados clínicos, englobando também aspectos relacionais, culturais e organizacionais. Fatores como confiança entre os membros, definição clara dos papéis profissionais, valorização das habilidades individuais e a criação de ambientes psicologicamente seguros têm um impacto significativo na

qualidade das interações em equipe (REEVES et al., 2017; MANOJLOVICH; DE CICCIO, 2007). Assim, a comunicação é entendida como uma prática social situada, influenciada por estruturas de poder, disputas simbólicas e culturas institucionais.

Do ponto de vista assistencial, pesquisas indicam que grupos com comunicação sistemática e cooperativa têm taxas de erro reduzidas, maior conformidade com protocolos clínicos e resultados mais positivos em termos de segurança do paciente (LEAPE et al., 2009). A interação profissional bem estruturada facilita a decisão em conjunto, aumenta a responsabilidade coletiva e melhora a coordenação do atendimento, especialmente em ambientes que exigem uma abordagem multiprofissional integrada.

No âmbito das organizações e da educação, ações como capacitações interprofissionais, simulações clínicas cooperativas e programas de educação contínua têm sido vinculadas à melhora na percepção do trabalho em equipe e ao reforço da cultura de segurança (REEVES et al., 2013). Essas estratégias ajudam a desenvolver habilidades comunicativas, superando obstáculos históricos entre as diferentes profissões e favorecendo práticas de assistência mais integradas.

Embora o valor da comunicação entre profissionais de diferentes áreas seja amplamente reconhecido como crucial para a qualidade do atendimento, ainda existem dificuldades estruturais que impedem sua plena implementação nos serviços de saúde. Estruturas rígidas de hierarquia profissional, desigualdades de poder, deficiências na formação educacional e culturas organizacionais fragmentadas são obstáculos frequentes à colaboração eficaz entre as equipes (MANOJLOVICH; DE CICCIO, 2007). Esses aspectos demonstram que a comunicação vai além das habilidades técnicas isoladas, sendo influenciada por condições institucionais e políticas que promovem o trabalho colaborativo.

Com a evolução cada vez mais complexa dos sistemas de saúde e a demanda por formas de assistência colaborativas, é essencial compilar de maneira crítica as evidências científicas mais recentes sobre a comunicação entre profissionais como uma abordagem para melhorar a qualidade do cuidado. Dessa forma, este estudo tem o objetivo de realizar uma análise crítica das informações disponíveis na literatura científica referente ao papel da comunicação interprofissional na melhoria do cuidado em saúde, identificando os impactos, as estratégias utilizadas e as dificuldades

enfrentadas para sua aplicação nos serviços de saúde.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que permite uma síntese abrangente do conhecimento gerado em relação a um fenômeno específico. Esse método aceita a incorporação de pesquisas com diversas abordagens metodológicas, facilitando uma visão geral do estado atual do tema. A revisão integrativa se diferencia pela habilidade de compilar tanto evidências empíricas quanto teóricas, favorecendo uma análise crítica e a combinação dos resultados, com o objetivo de gerar conhecimento que possa ser utilizado na prática em saúde (WHITEMORE; KNAFL, 2005; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

O desenvolvimento da pesquisa seguiu as seis fases sugeridas por Whittemore e Knafl (2005): (1) elaboração da questão de pesquisa; (2) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; (3) realização de uma busca na literatura; (4) análise crítica dos estudos escolhidos; (5) coleta e interpretação dos dados; e (6) síntese e apresentação das conclusões. O processo de identificação, filtragem e determinação da elegibilidade dos estudos foi estruturado conforme as orientações do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), assegurando clareza e rigor na metodologia utilizada para a seleção dos artigos.

A pergunta central foi elaborada utilizando a estratégia PICO (População/Problema, Interesse e Contexto), adequada para revisões que envolvem pesquisas com diversas abordagens metodológicas. Identificou-se como População/Problema as equipes e profissionais da saúde; como Interesse, a comunicação entre diferentes áreas; e como Contexto, a qualidade da atenção à saúde. Com base nessa estrutura, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: quais evidências científicas existem sobre a influência da comunicação interprofissional na qualificação do cuidado em saúde?

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados MEDLINE (via PubMed), Web of Science, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), selecionadas por sua relevância e abrangência na área da saúde. Foram utilizados descritores controlados e não controlados, identificados nos vocabulários

MeSH (Medical Subject Headings) e DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR. A estratégia de busca incluiu os termos “Interprofessional Communication” OR “Interdisciplinary Communication” OR “Team Communication” AND “Quality of Health Care” OR “Patient Safety” OR “Health Care Quality”, sendo adaptada às especificidades de cada base.

Os critérios de inclusão definidos foram: estudos primários originais com abordagens quantitativas, qualitativas ou mistas; publicados entre 2020 e 2025; acessíveis na íntegra; elaborados nas línguas portuguesa, inglesa ou espanhola; e que tratassem de forma clara a comunicação interprofissional em relação à qualidade do cuidado, segurança do paciente, resultados assistenciais ou organização do trabalho em saúde. Foram excluídos artigos de revisão, editoriais, cartas dirigidas ao editor, pesquisas exclusivamente teóricas sem dados empíricos, publicações repetidas e investigações que se centrassem apenas na comunicação interprofissional.

A escolha dos estudos foi feita em três fases consecutivas: análise dos títulos, exame dos resumos e leitura completa dos textos que se mostraram potencialmente adequados. Este procedimento foi realizado por dois revisores independentes, e quaisquer desacordos foram resolvidos por meio de consenso, visando reduzir possíveis vieses na seleção. O processo metodológico foi estruturado em um fluxograma adaptado do PRISMA, que apresenta a quantidade de registros identificados, descartados e os que foram incorporados à amostra final.

Os dados foram coletados utilizando um instrumento desenvolvido pelos pesquisadores, que abrangeu as seguintes variáveis: autor, ano de publicação, país de realização, objetivo do estudo, abordagem metodológica, características da amostra, principais resultados, contribuições à qualidade do atendimento e limitações mencionadas. As informações foram dispostas em uma tabela sinóptica, facilitando a comparação entre os diferentes estudos e a percepção de semelhanças e diferenças.

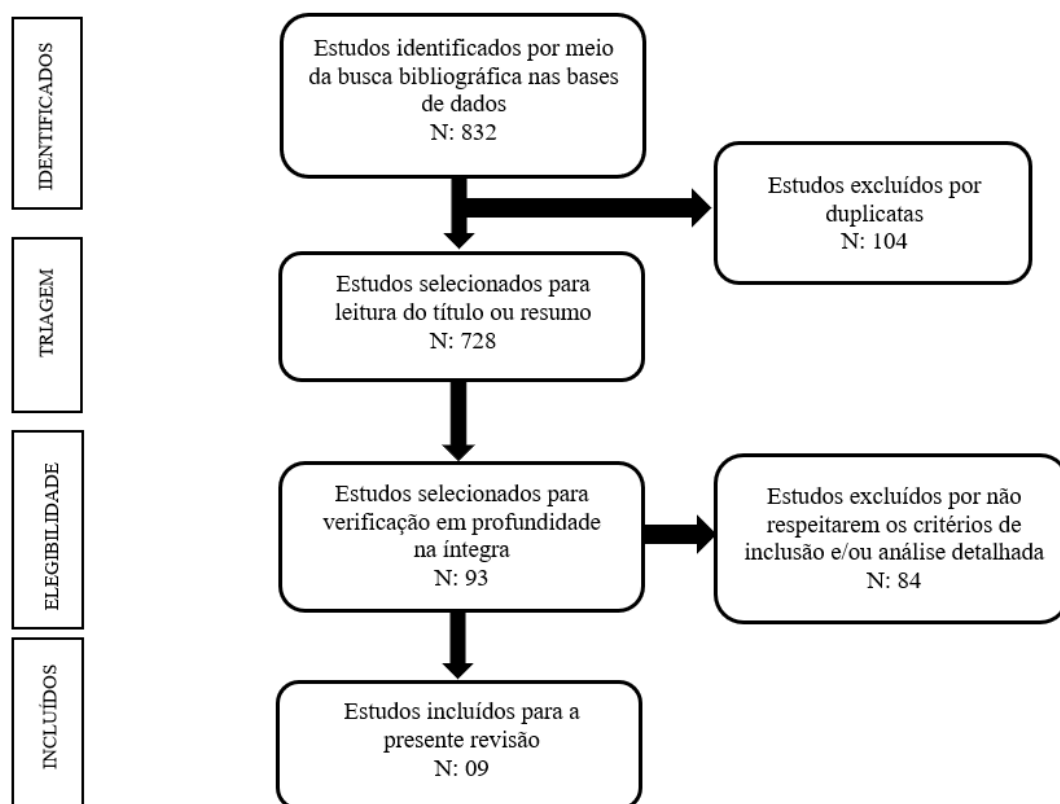
A avaliação dos dados foi realizada de maneira descritiva e temática, permitindo a criação de categorias analíticas ligadas aos efeitos da comunicação entre profissionais na qualidade do atendimento. A síntese integrativa teve como objetivo destacar os impactos sobre a segurança do paciente, resultados clínicos, coordenação do cuidado, estruturação do trabalho em equipe, assim como os obstáculos e facilitadores institucionais na adoção de práticas comunicacionais colaborativas. Além

de simplesmente descrever os resultados, foi realizada uma análise crítica das evidências, apontando lacunas na produção científica recente e suas repercussões para a assistência, gestão e formação na área da saúde.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Após conduzir as pesquisas, foram encontrados 832 artigos nas bases de dados. Uma análise minuciosa de títulos, resumos e conteúdos completos resultou na seleção de nove estudos para compor a amostra desta revisão, conforme ilustrado no fluxograma (Figura 1). Um panorama geral dos artigos avaliados foi criado, apresentando um quadro sinótico com informações relevantes: autor, ano de publicação, objetivo e principais achados (Quadro 1).

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos estudos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Quadro 1. Quadro sinóptico dos estudos elegidos como amostra desta revisão integrativa.

Autor/Ano	Objetivo	Principais achados
Pereira et al., 2021	Investigar os fatores intervenientes na percepção dos profissionais da Atenção Primária à Saúde acerca da comunicação interprofissional.	A pesquisa mostrou que a comunicação entre diferentes profissionais na Atenção Primária à Saúde é considerada mais robusta entre os Agentes Comunitários de Saúde e outras funções, evidenciando sua importância como facilitadores em suas comunidades. Os gestores também foram identificados como figuras importantes na dinâmica comunicativa. No entanto, as categorias que não pertencem à equipe básica apresentaram menor integração ao processo, e questões organizacionais e estruturais foram indicadas como as principais razões para as falhas na comunicação.
Prado et al., 2023	Compreender as concepções e experiências dos profissionais das equipes da Estratégia Saúde da Família sobre as competências colaborativas centrais: comunicação interprofissional e atenção centrada no paciente.	O estudo revelou que os trabalhadores da área de saúde veem as habilidades colaborativas, em particular a comunicação entre diferentes profissões e o foco no paciente, como interligadas e mutuamente reforçadoras. A comunicação é considerada essencial para atender às demandas dos usuários, no entanto,

		enfrenta restrições impostas por um ambiente de trabalho inadequado. Além disso, notou-se uma vulnerabilidade na prática de atenção centrada no paciente, onde há uma tendência à transferência da responsabilidade pelo cuidado para os profissionais, em vez de promover um verdadeiro compartilhamento na elaboração do plano terapêutico.
Castelo et al., 2025	Analisar a percepção de profissionais da Estratégia Saúde da Família sobre a comunicação interprofissional.	As principais dificuldades para a comunicação entre as profissões identificadas incluem a excessiva carga de trabalho, a alta rotatividade de profissionais, a falta de alinhamento nas condutas, a comunicação enfraquecida com os pacientes e a inexistência de ambientes formais para diálogo. Por outro lado, fatores que podem impulsionar essa comunicação incluem relacionamentos interpessoais saudáveis e a utilização de aplicativos de mensagens.
Alves et al., 2024	Compreender como ocorre o processo de comunicação interprofissional para a segurança do paciente na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.	Destacou-se a importância da comunicação verbal durante a transferência de plantão como a chave para garantir a segurança dos pacientes na UTI Neonatal. A conexão entre os profissionais e o investimento em formação contínua foram identificados como elementos facilitadores, resultando na criação de um protocolo de comunicação eficaz.
Carvalho; Oliveira; Montanari, 2023	Destacar que a comunicação mais assertiva entre a equipe multidisciplinar na Atenção Primária à Saúde, traz eficácia ao trabalho da mesma e possibilita a melhoria da assistência ao paciente.	Apesar de ser considerada uma ferramenta fundamental, a comunicação entre profissionais revelou lacunas na Atenção Primária à Saúde, demonstrando falhas na integração da equipe multidisciplinar, mesmo com a compreensão de sua relevância.
Levandoviski; Pekelman, 2024	Identificar a interprofissionalidade no cuidado em saúde realizado por profissionais de uma unidade de saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, após o contexto de agudização da pandemia de Covid-19.	A interprofissionalidade foi reconhecida como uma abordagem que se desenvolve nas interações entre profissionais e usuários, priorizando a atenção às necessidades destes últimos. No entanto, desafios na coordenação das reuniões em equipe e os efeitos da pandemia restringiram sua implementação.
Almeida; Castro; Silva, 2025	Analisar como os vínculos entre profissionais e usuários influenciam a organização do cuidado, articulando os achados empíricos com contribuições da psicologia.	A qualidade das relações entre as pessoas demonstrou influência direta na eficácia das equipes, na colaboração profissional e na conexão com os usuários. Habilidades interpessoais, como empatia, comunicação e gestão emocional, foram destacadas como fundamentais para práticas que promovem a colaboração e a humanização.
Silva et al., 2025	Analisar fatores que influenciam a comunicação entre profissionais de saúde em urgência e emergência, identificando barreiras, estratégias	Profissionais habilitados em comunicação demonstraram um nível elevado de autoeficácia e empatia, correlacionados a um atendimento mais seguro e focado no paciente.

	de aprimoramento e impactos na segurança do paciente.	No entanto, obstáculos como a dificuldade em transmitir notícias desfavoráveis, a carga excessiva de trabalho e uma hierarquia inflexível restringiram a utilização dessas habilidades.
Schimith et al., 2021	Compreender como a comunicação em saúde na atenção de crianças com condições crônicas interfere na colaboração interprofissional.	A colaboração entre diferentes profissões foi aprimorada por meio de uma comunicação dinâmica, conexão com as famílias e colaboração entre várias instituições, particularmente quando o plano de tratamento é gerido pela Estratégia Saúde da Família, promovendo uma troca de informações eficaz entre os diferentes níveis de atendimento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

A investigação dos estudos presentes nesta revisão integrativa destaca que a comunicação entre profissionais se estabelece como um elemento fundamental para a qualidade do atendimento em saúde, sobretudo na Atenção Primária à Saúde (APS). De forma similar, os artigos observam a comunicação como uma habilidade essencial para a realização das práticas colaborativas e para garantir a segurança do paciente, ao mesmo tempo em que apontam para barreiras estruturais, organizacionais e culturais que dificultam sua efetivação na rotina do trabalho em saúde.

No âmbito da Estratégia Saúde da Família, a comunicação é considerada uma ferramenta essencial no processo de trabalho, desempenhando um papel organizador nas ações e facilitando as interações entre profissionais e pacientes (PEREIRA et al., 2021). Da mesma forma, Prado et al. (2023) apontam que as competências colaborativas, incluindo a comunicação entre profissionais, são vistas como dimensões interligadas, não podendo ser separadas do enfoque na atenção ao paciente. No entanto, os autores observam que há uma fraqueza na real participação do usuário, que muitas vezes se limita à transferência de responsabilidade pelo cuidado, em vez de promover a co-construção do plano terapêutico.

Os obstáculos estruturais aparecem de maneira recorrente nas pesquisas. A excessiva carga de trabalho, a alta rotatividade de funcionários, a falta de espaços formais para diálogo e as divergências de comportamentos foram destacados como elementos que enfraquecem a comunicação e prejudicam as práticas de colaboração (CASTELO et al., 2023). Em linha com essas descobertas, Carvalho, Oliveira e Montanari

(2023) observam que, apesar de ser considerada fundamental, a comunicação ainda enfrenta lacunas na integração das equipes multiprofissionais na Atenção Primária à Saúde (APS).

A perspectiva organizacional é salientada nas investigações de Levandovski e Pekelman (2024), que caracterizam a interprofissionalidade como um processo relacional que se desenvolve nas interações entre profissionais e usuários. No entanto, dificuldades ligadas à estruturação das reuniões de equipe e às mudanças nas práticas de trabalho - acentuadas pela pandemia de Covid-19 - restringiram a implementação completa dessas ações colaborativas.

Dentro do contexto hospitalar, em particular na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, a comunicação verbal organizada, como o repasse de informações entre turnos, é considerada um elemento fundamental para garantir a segurança dos pacientes. Além disso, a relação entre os profissionais e a educação continuada atuam como fatores que favorecem uma comunicação eficaz (ALVES et al., 2023). A criação de um protocolo operacional padrão sublinha a relevância da sistematização como uma estratégia para aprimorar a qualidade do atendimento.

Além dos fatores organizacionais, as pesquisas ressaltam a importância das habilidades relacionais. Almeida, Castro e Silva (2024) enfatizam que a empatia, a gestão emocional e a qualidade das relações interpessoais influenciam diretamente o desempenho das equipes e a conexão com os usuários. Essa dimensão subjetiva da comunicação também é apoiada por Silva et al. (2025), que mostram que profissionais com habilidades em comunicação tendem a ter maior autoeficácia e empatia, características ligadas a práticas mais seguras e focadas no paciente. No entanto, estruturas hierárquicas rígidas e a carga excessiva de trabalho restringiram a utilização dessas competências no dia a dia.

No cuidado de crianças com enfermidades crônicas, a comunicação efetiva e a colaboração entre diferentes instituições foram fundamentais para o aprimoramento do trabalho em equipe entre profissionais, principalmente quando lideradas pela Saúde da Família, que atuou com uma intenção clara de comunicação entre os diversos níveis de atenção (SCHIMITH et al., 2021). Essa descoberta destaca que a comunicação vai além dos limites de uma única instituição, funcionando como um importante elo nas redes de atendimento.

Os resultados obtidos indicam que a comunicação entre diferentes profissões atua, ao mesmo tempo, como uma ferramenta técnica, uma habilidade relacional e um recurso organizacional. Para que seja efetiva, é fundamental a criação de ambientes institucionais adequados para o diálogo, a valorização da formação conjunta entre profissionais e a necessidade de ultrapassar modelos hierárquicos que fragmentam o cuidado. Dessa forma, a comunicação vai além de um simples instrumento, tornando-se um fator crucial para a qualidade da assistência à saúde.

4 CONCLUSÃO

A revisão integrativa realizada mostrou que a comunicação entre profissionais é fundamental para melhorar a qualidade do atendimento em saúde, atuando como um elemento chave nas práticas de colaboração e na segurança do paciente. A pesquisa revela que a comunicação vai além do aspecto funcional, adotando uma natureza relacional, organizacional e ética no trabalho em equipe.

Apesar de ser amplamente considerada essencial, sua implementação ainda é afetada por fatores estruturais e institucionais, como alta carga de trabalho, turnover de funcionários, hierarquia nas relações, dificuldade na organização de reuniões em equipe e escassez de espaços formais para diálogo. Esses aspectos indicam que as deficiências na comunicação não podem ser vistas apenas como decorrentes das habilidades individuais, mas devem ser analisadas em função das condições reais que envolvem a prática do cuidado.

A análise também destaca que a interprofissionalidade se desenvolve de maneira gradual, dependendo da qualidade das interações entre os profissionais e entre estes e os usuários. Habilidades relacionais, como empatia, controle emocional e escuta atenta, foram identificadas como fundamentais para a implementação de práticas mais humanizadas e que priorizam as necessidades da comunidade. Contudo, a inclusão do usuário ainda é limitada em certos contextos, mostrando que modelos assistenciais hierárquicos ainda estão presentes.

É importante ressaltar que ações como a formação conjunta entre diferentes profissionais, o aprimoramento da comunicação, a criação de protocolos bem definidos e o fortalecimento da conexão entre os diversos níveis de atendimento se

apresentam como abordagens eficazes para lidar com as vulnerabilidades detectadas.

Chega-se à conclusão de que alocar recursos na comunicação entre profissões é fundamental para aprimorar a qualidade do atendimento, garantir a integralidade do cuidado e promover a sustentabilidade das práticas colaborativas. É aconselhável que administradores e organizações incluam a comunicação como uma prioridade no planejamento de suas atividades, reconhecendo sua importância como um fator organizacional crucial para a qualidade na saúde.

5 REFERÊNCIAS

- ALVES, Vanessa Acosta et al. Comunicação interprofissional na unidade de terapia intensiva neonatal e a segurança do paciente. *Enfermería Actual de Costa Rica*, n. 47, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15517/enferm.actual.cr.i47.54558>.
- ALMEIDA, Cássia Christina de Assis; CASTRO, Marília Silveira de; SILVA, Luciano Cícero da. Relações interpessoais no trabalho em saúde: reflexões psicossociais a partir de uma pesquisa-ação com equipes da estratégia saúde da família. *European Journal of Health Research*, v. 6, n. 2, 2025. DOI: <https://doi.org/10.54747/ejhrv6n2-001>.
- CARVALHO, Laura Vissotto de; OLIVEIRA, Giulia Godoi; MONTANARI, Fabio Luis. O impacto da comunicação efetiva para a equipe multiprofissional na atenção primária à saúde. *Brazilian Journal of Development*, v. 9, n. 11, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv9n11-026>.
- CASTELO, Raquel Bomfim et al. Desafios e potencialidades da comunicação interprofissional nas práticas colaborativas na Estratégia Saúde da Família. *Revista de Enfermagem da UFPI*, v. 14, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.26694/reufpi.v14i1.4896>.
- INSTITUTE OF MEDICINE. *To err is human: building a safer health system*. Washington: National Academy Press, 1999.
- KOHN, Linda T.; CORRIGAN, Janet M.; DONALDSON, Molla S. (org.). *To err is human: building a safer health system*. Washington: National Academy Press, 2000.
- LEAPE, Lucian L. et al. Transforming healthcare: a safety imperative. *Quality and Safety in Health Care*, v. 18, n. 6, p. 424–428, 2009.
- LEVANDOVSKI, Cristina Vieira; PEKELMAN, Renata. O cuidado interprofissional na Atenção Primária à Saúde: análise do trabalho de equipes de referência. *Saúde em Redes*, v. 10, n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2024v10n2.4310>.

MANOJLOVICH, Milisa; DE CICCIO, Beverly. Healthy work environments, nurse–physician communication, and patients’ outcomes. *American Journal of Critical Care*, v. 16, n. 6, p. 536–543, 2007.

MOHER, David et al. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: the PRISMA statement. *PLoS Medicine*, v. 6, n. 7, e1000097, 2009.

O’DANIEL, Michelle; ROSENSTEIN, Alan H. Professional communication and team collaboration. In: HUGHES, R. G. (org.). *Patient safety and quality: an evidence-based handbook for nurses*. Rockville: Agency for Healthcare Research and Quality, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Patient safety research: better knowledge for safer care*. Geneva: WHO, 2009.

PEREIRA, André Leon Lemos et al. A comunicação interprofissional como uma importante ferramenta do processo de trabalho na Atenção Primária à Saúde. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18942>.

PRADO, Crislaine Loqueti Santos Rainho et al. Comunicação interprofissional e participação do usuário na Estratégia Saúde da Família. *Saúde e Sociedade*, v. 32, supl. 2, e220823pt, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220823pt>.

REEVES, Scott et al. *Interprofessional teamwork for health and social care*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2017.

REEVES, Scott et al. Interprofessional education: effects on professional practice and healthcare outcomes. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 2013.

SCHIMITH, Maria Denise et al. Comunicação em saúde e colaboração interprofissional na atenção a crianças com condições crônicas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 29, e3390, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4044.3390>.

SILVA, Patrícia Lourdes et al. Construindo pontes: o papel da comunicação na efetividade do cuidado centrado no paciente. *Revista Gestão & Tecnologia*, v. 25, n. 1, p. 243–272, 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, v. 52, n. 5, p. 546–553, 2005.